



Nas Entrelinhas do *Correio Feminino*: A Palavra em Clarice Lispector¹

Juliana PEREZ²

Ailton SIQUEIRA³

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

A palavra é o domínio de Clarice Lispector sobre o mundo. Aqueles que se deparam com sua escrita sentem a imensidão e a força de significados que acalmam e sufocam a alma quase que instantaneamente. É um susto que resgata e inquieta, capaz de provocar dor e prazer num paradoxo singular e infinito. Na coluna feminina *Correio Feminino* – publicada no Jornal *Correio da Manhã (RJ)* – o Jornalismo e a Literatura são o palco onde as palavras se encontram e se fazem ouvir. É neste espaço que o gosto de Clarice Lispector pelo interdito, pelas entrelinhas, revela o enlace da complexidade de seu pensamento enquanto escritora e jornalista com a firmeza de suas palavras enquanto mãe, esposa, ser humano, mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Literatura; Correio Feminino; Clarice Lispector.

Marcada pela introspecção diante da vida e das coisas, a obra literária de Clarice Lispector revela o que há de mais humano no ser. Conflitos, angústias, desejos e felicidade são temas recorrentes na escrita clariceana – considerada complexa por aqueles que não ousam estender o olhar. No entanto, todo o hermetismo de Clarice se esvai diante das sensíveis e inofensivas páginas femininas, trabalho realizado por ela como colunista – uma contribuição ímpar para diversos jornais diários.

Aos 20 anos de idade, Clarice começou a exercer o jornalismo. Foi da reportagem à crônica, porém sua contribuição enquanto colunista feminina torna-se ímpar devido à extravagância trivial da linguagem por ela utilizada. É nas páginas de

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Recém graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; Discente do Programa de Pós-Graduação (em nível de mestrado) em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH), pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Membro do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo, atuando na linha Ciência, Arte e Literatura. email: perezjuliana@gmail.com

³ Doutor em Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) e do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Líder do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo. email: ailtonsiqueira@uern.br



“amenidades” que se encontra uma Clarice despreendida do rebuscamento tão característico de sua produção literária. Iniciou neste gênero em 1952 – na época já escritora consagrada – a convite do amigo Rubem Braga, fundador do jornal *Comício*. De maio a setembro de 1952, Clarice se dedicou à coluna *Entre Mulheres*, assinando com o pseudônimo Tereza Quadros. Em carta ao amigo Fernando Sabino, Clarice comenta sobre o pseudônimo: “ela é disposta, feminina, ativa, não tem pressão baixa, até mesmo às vezes feminista, uma boa jornalista, enfim”.

No *Correio da Manhã*, sob o pseudônimo Helen Palmer, Clarice assume a coluna *Correio Feminino* todas às quartas e sextas-feiras, de agosto de 1959 a fevereiro de 1961. No mesmo período em que escreve o *Correio Feminino*, a escritora jornalista aceita o convite para contribuir com o *Diário da Noite*, no período de abril de 1960 a março de 1961. Ali, na coluna *Só para Mulheres* – publicada de segunda à sábado – torna-se a *ghost-writer* da atriz Ilka Soares, com quem viria nutrir de intensa amizade.

O motivo de suas colunas estarem sempre protegidas por pseudônimos: Clarice temia comprometer seu nome por escrever textos menos elaborados. A verdade é que – apesar do teor ser semelhante a tantas outras colunas dedicadas às mulheres, com seus conselhos e receitas de felicidade e de como agradar o homem amado – as páginas femininas de Clarice Lispector fogem do convencional ao retratar simplesmente a vida. Nas entrelinhas, o personagem principal de Clarice se revela. É o mundo das simulações e o da verdadeira natureza das coisas que se apresenta pelo que não está explícito. Nunes (2013) afirma que em Clarice, “o gosto pelo interdito, pelas entrelinhas e pelos pequenos detalhes que remetem a significações outras” (NUNES, 2013, p. 8) sempre prevalece.

Utilizamos, como método de investigação, a Análise de Conteúdo - que trata, de acordo com Richardson (2001), em compreender melhor um discurso, analisando profundamente suas características e extrair, assim, as mais relevantes para a pesquisa.

Clarice escreveu cerca de 450 colunas. Somente na seção *Correio Feminino* foram 128 edições. Destas, analisaremos 10 colunas que vão desde dicas de beleza a conselhos de resgate da feminilidade e técnicas de sedução. Vale ressaltar que este recorte a ser analisado engloba todo o universo das colunas femininas escritas por Clarice Lispector.

Para entender a escrita de Clarice é necessário conhecer um pouco sobre o mundo que a rodeava, mas principalmente sobre o universo que havia dentro dela: um



território sem limites e, ao mesmo instante, repleto de barreiras que Lispector buscava ultrapassar incessantemente.

De origem ucraniana – nasceu em Tchetelnik no dia 10 de dezembro de 1920 – Clarice se chamava Haia Lispector. A mudança do nome veio com a chegada ao Brasil junto com a família. Sobre este fato, ela diz: “Um nome para o que sou importa muito pouco. Importa o que eu gostaria de ser”. Morando em Recife, começou a escrever ainda na infância. Na época, o *Diário de Pernambuco* dedicava uma página às produções literárias infantis, no entanto as de Clarice nunca foram publicadas. O motivo: não havia fatos em suas histórias, apenas a descrição do que ela sentia em relação às crises familiares, assim como a paralisia da mãe. Os textos de Clarice refletiam apenas essas sensações. Característica que a acompanhou por toda uma vida e que podem ser percebidas em tudo que escreveu.

A capacidade de guardar em si as dores e inquietações humanas é o que torna sua escrita clariceana tão única. De acordo com Morin (2002), toda a totalidade humana está contida na linguagem, que constitui uma encruzilhada essencial do biológico, do cultural, do social.

A linguagem é uma máquina (...) Funciona fazendo funcionar outras máquinas que a fazem funcionar. Assim, está vinculada à engrenagem da maquinaria cerebral dos indivíduos e da maquinaria cultural da sociedade. É uma máquina autônoma-dependente numa polimáquina. Depende da sociedade, de uma cultura, de seres humanos que, para se realizar, dependem da linguagem. (MORIN, 2002, p. 37).

É através de uma linguagem persuasiva e sedutora que Clarice Lispector revela o domínio absoluto que têm sobre os temas. Em seu discurso não há incertezas, o que permite à leitora - que tem dúvidas sobre relacionamento e beleza, por exemplo - a sensação de segurança e bem estar que é tão almejada. Em *Receita de Casamento*, Clarice dá respostas para os questionamentos que afligem as mulheres: “Há muitas receitas para um matrimônio feliz como há inúmeras receitas para um mesmo tipo de bolo, de torta ou pudim. Os ingredientes variam apenas ligeiramente, para que a uniformidade não se transforme em rotina” (LISPECTOR, 2006, p. 81).

Conforme Bauman (2007), vivenciamos um momento de liquidez, assinalado principalmente pela insegurança, ansiedades, angústias e de relações líquidas. O sociólogo acredita que a necessidade de respostas é uma das características do indivíduo que busca incessantemente o significado de sua existência. Lipovestsky (2007) também reflete sobre esta inquietação humana que exige receitas infalíveis de ser feliz às ações



mais simples como alimentar-se, seduzir, fazer amor, relacionar-se. Nas colunas femininas, encontram-se as respostas para todas as questões que afligem as mulheres. Conselhos de como seduzir o homem amado são as mais esperadas pelas leitoras, pois é no outro que o existir de fato acontece. Sobre isso, Todorov (1996) afirma, “o desejo não busca prazer, mas a relação. A relação com o outro não é um meio (para se alimentar ou gozar sexualmente), ela é o objetivo que buscamos para assegurar nossa própria existência” (TODOROV, 1996, p. 67).

É interessante também observar o contexto histórico e cultural do jornalismo impresso da época, principalmente o que diz respeito ao percurso da imprensa feminina, classificada como editoria de comportamento por seu caráter de conselheira.

Diante de temas comuns, Clarice se sobressai: apresenta outros olhares, outra linguagem. “O homem faz-se na linguagem que o faz. A linguagem está em nós e nós estamos na linguagem” (MORIN, 2002, p. 37). É por meio da entrelinhas que Clarice Lispector revela o ser humano por completo.

Jornalismo e Literatura: Uma história de Encontros e Desencontros

Uma breve visita ao passado revela quão antiga e próxima é a relação entre o jornalismo e a literatura. Os primeiros profissionais da notícia foram os escritores, os artesãos da palavra escrita. No entanto, o nascer jornalístico surgiu, de acordo com Kovack & Rosentiel (2003), nos primórdios da humanidade, quando o ser humano começou, de fato, a comunicar-se. Os relatos orais, como afirmam Burke & Brigs (2004), são as primeiras mídias da história humana. Essa oralidade originaria o início de uma espécie de pré-jornalismo e contribuiria para a formação do jornalismo moderno no início do século XVII.

Nesse novo cenário, a notícia fervia nos conhecidos *pubs* ingleses (casas públicas) – modernos cafés de Londres e pontos de encontro de intelectuais e viajantes. Das conversas sobre as experiências das viagens, surgem os primeiros jornais, por volta de 1609, época considerada por Pena (2006) o advento do jornalismo moderno, marcado pela transição da linguagem oral para a escrita devido à invenção dos tipos impressos. Porém, o autor considera que “a oralidade continuará sendo protagonista do processo jornalístico, não só nas relações com as fontes como na configuração de novas tecnologias midiáticas”.



Apesar dos primeiros jornais terem surgido nesta época, Lage (2004) defende que apenas com a ascensão da burguesia europeia, no século XVIII, é que a imprensa, de fato, surgiu. Neste contexto, a Igreja e o Estado detinham o poder sobre os meios de comunicação, e a imprensa – por meio de suas “notícias” fortemente opinativas – contribuiu com o fim dessa hegemonia.

Como consequência, os aspectos políticos e sociais europeus são transformados e influenciados. Nesta época, os jornais tinham uma característica artesanal, não eram necessários grandes investimentos para que as notícias fossem publicadas. Devido a esta facilidade e à aura filosófica que despertava a necessidade de reflexão sobre a vida contingente, os jornais tornaram-se espaço para a exposição de opiniões. As ideias e os pensamentos eram mais importantes que a informação. Somente com a censura deste tipo de jornalismo pelos governos europeus – que se sentiam ameaçados por tamanha pressão – é que a notícia passa a ser considerada objeto, exclusivamente, informativo. A partir daí, surge um novo tipo de jornalismo embasado na objetividade.

Fatos como a Revolução Industrial na Europa, a necessidade de alfabetização das classes mais baixas e a inserção de anúncios publicitários nos jornais contribuíram para a solidificação do novo modelo de jornalismo, que refletiu muito de suas características no modelo jornalístico dos dias atuais.

O jornalismo brasileiro sofreu com o atraso do desenvolvimento e imprimiu muito das características iniciais do jornalismo realizado na Europa – marcas de subjetividade e opiniões que mais se assemelhavam a ataques políticos travados no papel. Entre as décadas de 30 e 40, os jornais brasileiros passam a adotar o modelo americano de jornalismo, implantado também em outros países como na Alemanha, Argentina, Itália, Chile e Espanha.

Elementos da literatura, que permitiam a romantização da escrita, são excluídos do novo processo de produção da notícia. Os principais iniciadores dessa mudança no jornalismo brasileiro são Danton Jobim, Luís Paulistano e Pompeu de Souza.

A partir da década de 1930, com o desenvolvimento da democracia, a imprensa americana assinalou como fundamento da atividade do jornalismo a busca pela informação, sendo seu principal item um produto que responderá pelo nome de notícia. (BULHÕES, 2007, p. 29).



Com a disseminação do modelo americano, o texto jornalístico passou por transformações. Para garantir uma pretensa objetividade, determinou-se a padronização da linguagem, eliminando, dessa forma, quaisquer resquícios literários – o inverso do modelo francês, que permitia o entrelaçamento do texto jornalístico com o literário e considerava o próprio jornalismo um ramo da literatura.

Durante séculos, a literatura foi a maior formadora dos jornalistas brasileiros. Muitos eram escritores antes de exercerem o jornalismo como atividade profissional e, portanto, transportavam para dentro de seus textos jornalísticos lances da narrativa literária. Mesmo com a implantação do modelo norte-americano, as notícias objetivas dividem o espaço com o romance de folhetim – ficção romanesca publicada em jornais até o início do século XX, considerado como um dos gêneros de maior apelo popular. A produção folhetinesca é o exemplo do quanto era quase imperceptível a linha que separava a literatura do jornalismo. Contudo, Bulhões (2005) alerta: “a presença do folhetim nunca se confundirá com a consciência que o jornalismo vai cada vez mais formulando a respeito de sua natureza fundamental”, a de informar.

A literatura e o jornalismo possuem uma história de convergências e desencontros. Há cerca de três mil anos, nas sociedades gregas e romanas, um mesmo texto poderia ser considerado ora jornalístico ora literário: atas e álbuns, por exemplo, quando possuíam elementos informativos, eram tidos como jornalísticos; quando estes mesmos textos eram verbalizados em espaços públicos – como nas feiras – eram classificados como literários.

Etimologicamente, a literatura é definida como as imitações de ações humanas pela linguagem – representada, por exemplo, através das fábulas. E tudo aquilo que fosse considerado clássico, como as escrituras ou até mesmo o conhecimento das letras era apontado como literatura. Somente a partir do século XIX, é que ela adquire seu sentido moderno e o entendimento clássico – de que literatura seria tudo que a retórica e a poética podiam produzir – fica no passado.

Entretanto, a proximidade com o jornalismo não é esquecida. Em muitos pontos da história essas duas naturezas se encontram e se definem ao identificarem suas convergências e distinções.



Clarice Lispector: escritora e jornalista

A produção jornalística de Clarice Lispector é tão impressionante e vasta quanto sua produção como escritora. Porém, ainda é um campo pouco estudado. Um dos motivos: seu trabalho como jornalista é – inúmeras vezes – ofuscado por suas obras literárias.

A verdade é que Clarice iniciou a carreira como jornalista antes mesmo de ter lançado seu primeiro livro – *Perto do Coração Selvagem* (1943). A primeira experiência como jornalista veio aos 20 anos, quando foi repórter da Agência Nacional. A primeira reportagem *Onde se ensinará a ser feliz* (sobre um lar para meninas carentes) foi publicada no *Diário do Povo*, de Campinas (SP) em 1941. Contribuiu ainda com os jornais – *A noite*, *Jornal Comício* (fundado por Rubem Braga), *Correio da Manhã*, *Jornal do Brasil*, *Jornal Última Hora*, *Diário da Noite* – além das revistas *Fatos & Fotos* e *Manchete*.

Este trabalho vislumbra o estudo das colunas femininas do *Correio Feminino* realizadas por Clarice Lispector na época em que ela contribuía com o jornal *Correio da Manhã* (RJ). O que nos motivou a investigar tal objeto foi o comportamento singular adotado por Clarice, que revela nas entrelinhas as inquietações do ser sobre a vida numa estrutura que enlaça o jornalismo e a literatura, e que tem como molde o ensino de receitas de felicidade, além de conselhos íntimos de sedução. O trato com a palavra a denuncia. A coluna *Correio Feminino* não seria dessa forma se por Clarice não tivesse sido escrita.

Optamos ainda por esta coluna por apresentar uma característica ímpar: neste espaço, Clarice não possuía tanta liberdade para escrever os textos de moda, culinária e comportamento da mulher, como nas demais - *Entre Mulheres* (Comício) e *Só para Mulheres* (Diário da Noite). As obrigações com o setor comercial do jornal faziam com que ela mencionasse implicitamente a propaganda para criar hábitos de consumo nas leitoras, o que nos instiga a observar minuciosamente quais discursos estão ocultos nas entrelinhas.

É interessante ainda perceber como Clarice pensava a página do jornal. Na época, os recursos de diagramação eram muito escassos, principalmente quando se tratava das páginas dedicadas às mulheres. Para o jornal, o importante era que a página feminina não saísse em branco. Para ela, aquele espaço era o mais importante, por isso o



capricho: fazia recortes de gravuras e moldava o texto a um público, provavelmente, diferente do que acompanhava a sua ficção. Comparada a sua literatura, a qualidade linguística e temática poderia ser inferior, mas ela soube – através do seu cuidado com a palavra crua – envolver quem ansiosamente abraçava seus conselhos.

Disse alguém que a verdadeira elegância não é sequer notada. Não andemos tão longe. Mas é necessário convir que não é pela atenção que se chama que se pode avaliar a elegância. De fato, muitas mulheres creem que, quanto mais joias, mas belas ficarão. Não saber parar de se enfeitar é como não saber parar de comer. Só que, na elegância, a indigestão é nos olhos. (LISPECTOR, 2006, p. 26).

Os conselhos de *Helen Palmer* – pseudônimo adotado por Lispector – expressam uma voz que transmite convicção no que diz. A elegância, tema constantemente abordado nas colunas, divide espaço com os assuntos amorosos – o mais comum: conquistar o homem amado. E para isso, Clarice ensina às mulheres como seduzir e resgatar a feminilidade.

A sedução da mulher começa com sua aparência física. Uma pele bem cuidada, olhos bonitos, brilhantes, cabelos sedosos, corpo elegante, atraem os olhares e a admiração masculina. A feminilidade é outra qualidade positiva. Muitas mulheres modernas adotam atitudes masculinizadas, palavreado grosseiro, liberdade exagerada de linguagem ou de maneiras, e julgam que isso é bonito, que vão encantar os homens. Engano. (LISPECTOR, 2006, p. 95).

Encontramos ainda uma Clarice que não apenas aconselha, mas opina, argumenta, convence ao adotar uma postura transgressora, que vai de encontro ao que as leitoras esperavam ler.

Nós não estamos mais no tempo em que a única finalidade de uma jovem era arranjar marido. Não importa de que qualidade fosse. Um marido era o objetivo. Felizmente, isso passou. Hoje, frequentando universidades, libertando-se dos falsos tabus que faziam da mulher um ser inferior e eternamente submisso, o problema do casamento passou a ser encarado de forma mais acertada e serena. (LISPECTOR, 2006, p. 74).

Nas colunas *O que é sex-appeal?*, *A beleza explica o sex-appeal?* e *Descobrimo o próprio sex-appeal*, uma aula explícita de como atrair o outro através do conhecimento do próprio corpo.

Uma mulher que anda curvada talvez se transforme toda quando aprender a andar melhor. Uma mulher que veste de um modo impessoal talvez com o mínimo de coragem seja mais individual. Do momento, aliás, em que você se convence de que você mesma é a sua própria matéria-prima, desse momento você já começou a ter um novo encanto... (LISPECTOR, 2006, p. 101).



O *sex-apeall*, de acordo com Clarice, é o poder misterioso que toda mulher possui de maneira única, por isso, ele não pode ser imitado, nem transmitido. É a mulher que precisa despertar seus encantos de sedução, resgatando a sua feminilidade.

A mulher deve ser primeiro que tudo feminina. Deve ter a habilidade de se controlar a ponto de deixar que outras pessoas se tornem mais importantes que ela dentro do seu estrito meio de relações. Inteligência e senso comum devem ser qualidades imprescindíveis à mulher. A mulher deve possuir senso de humor e dignidade e deve saber resguardar sua individualidade. (LISPECTOR, 2006, p.100).

Em Clarice, tudo é intenso e único. Suas colunas, assim como tudo que escreveu e fez, revela em cada palavra o anseio em compreender o ser humano ao instante em que tenta orientá-lo. Para os que se mantêm distantes, ela poderia ser apenas mais uma colunista feminina entre tantas outras. Mas não. Aqueles que demoram o olhar sob as colunas do *Correio Feminino* percebem o enlace da complexidade de pensamento de Clarice Lispector enquanto escritora e jornalista com a firmeza de suas palavras enquanto mãe, esposa, ser humano, mulher.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- _____. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005
- LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo**. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade: a identidade humana**. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- NUNES, M. Aparecida. (Org). **Correio Feminino**: Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. Rio de Janeiro: Contexto, 2006.
- RICHARDSON, R. Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2001.
- TODOROV, Tzvetan. **A vida em comum: ensaio de antropologia geral**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Papyrus, 1996.